



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ÉRIKA WALÉRIA PAULINO DA SILVA

**COMO A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO VEM TRATANDO
GÊNERO NA ESCOLA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RECIFE 2023

ÉRIKA WALÉRIA PAULINO DA SILVA

COMO A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO VEM TRATANDO GÊNERO NA ESCOLA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**Monografia apresentada para a
Universidade Federal Rural de
Pernambuco, como parte dos requisitos
para a conclusão do curso de
Licenciatura em Educação Física.
Orientadora: Rosângela Lindoso.**

RECIFE 2023

ERIKA WALÉRIA PAULINO DA SILVA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586WA SILVA, ERIKA WALERIA PAULINO DA SILVA
LÉRIAc COMO A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO VEM TRATANDO GÊNERO NA ESCOLA NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA / ERIKA WALERIA PAULINO DA SILVA SILVA. - 2023.
31 f.

Orientador: ROSANGELA LINDOSO.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Educação Física, Recife, 2023.

1. Escola. 2. Gênero. 3. Educação física. 4. LGBTQIA+. I. LINDOSO, ROSANGELA, orient. II. Título

CDD 613.7

ERIKA WALÉRIA PAULINO DA SILVA

**COMO A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO VEM TRATANDO
GÊNERO NA ESCOLA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Monografia apresentada para a
Universidade Federal Rural de
Pernambuco, como parte dos requisitos
para a conclusão do curso de
Licenciatura em Educação Física.
Orientadora: Rosângela Lindoso.**

Aprovado em de de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. ROSÂNGELA CELY BRANCO LINDOSO

Prof. SANDRA CRISTHIANNE FRANÇA CORREIA

Prof. RACHEL COSTA DE AZEVEDO MELLO

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao governo Lula por expandir as universidades e ampliar as oportunidades de acesso e permanência dos estudantes brasileiros nestas, o que me permite hoje ser a primeira da minha família a concluir um curso superior numa universidade pública. Agradeço a minha maior inspiração que é Maria Flor da Silva Santos, minha filha, que além de ser o motivo da busca incessante por uma educação mais justa e igualitária é quem equilibra os meus dias trazendo tranquilidade. Agradecer a todos que contribuíram para que essa conquista fosse possível cuidando de Maria Flor nos dias e noites que eu não pude e nessa lista vem além da minha mãe, Verônica Maria da Silva, que sempre foi meu exemplo de perseverança e me incentivou a continuar, o meu compadre e amigo, Jairo Marques e minha comadre e amiga, Gloria Rodrigues, isso com certeza foi essencial para que eu chegasse até aqui.

A minha professora Maria Helena Lira, que me incentivou, guiou e não desistiu de mim e a minha orientadora Rosangela Lindoso, que me acolheu e me conduziu até o fim desse processo de construção. Em nome delas agradeço a todos os professores por contribuírem na minha formação e de servirem de inspiração para a profissional que quero me tornar.

Quero agradecer a todos que compartilharam dessa história junto comigo: meus amigos feitos dentro da universidade em nome de Anne Elise e Eidy Kelly, assim como os que conheci antes da universidade como Gabriel Santos e os que me acompanham fora do ambiente acadêmico em nome de Amanda Mello e Haissa Andrade e a Sonia Vila Nova que sempre me apoiou dentro do ambiente de trabalho.

Não esquecendo de nenhuma frase motivacional ou gesto de carinho e reconhecimento recebido ao longo dessa graduação. Cada um desses está gravado na memória

RESUMO

A escola é o ambiente onde se vivencia as primeiras relações em coletivos, em grupos sociais e também onde temos as primeiras experiências de exclusão, preconceito ou discriminação. A discussão sobre gênero é feita de forma generalizada a algum tempo na nossa sociedade e seu conceito está sempre relacionado ao momento social em que vivemos. É uma discussão cada vez mais necessária, principalmente no ambiente escolar por ser um dos motivos de exclusão que vivenciamos na escola, sendo a disciplina de educação física mecanismo importante, já que está em contato constante com a diversidade dos corpos e suas culturas. Esta pesquisa se trata de um levantamento bibliográfico dos últimos três anos (2020-2023) que busca identificar o que vem sendo produzido cientificamente sobre gênero nas aulas de educação física. Diante das análises dos dados recolhidos foi percebido que o conceito de gênero é algo semelhante entre os autores, além das problemáticas do cotidiano serem pontuadas constantemente e pesquisas que tratam as questões de gênero com amplitude abrangendo pautas LGBTQIA+ ou das pessoas que não se identificam em gênero algum são quase nulas, o que nos faz refletir sobre o quanto ainda precisamos pesquisar sobre o tema.

Palavras chaves: Escola; Gênero; Educação física; LGBTQIA+.

ABSTRACT

School is the environment where we experience our first relationships in collectives, in social groups, and also where we have our first experiences of exclusion, prejudice or discrimination. The discussion about gender has been widespread in our society for some time and its concept is always linked to the social moment in which we live. It is an increasingly necessary discussion, especially in the school environment, because it is one of the reasons for the exclusion that we experience at school, with physical education being an important mechanism, since it is in constant contact with the diversity of bodies and their cultures. This research is a bibliographical survey of the last three years (2020-2023) that seeks to identify what has been scientifically produced on gender in physical education. In view of the analysis of the data collected, it was noticed that the concept of gender is somewhat similar between authors, in addition to everyday problems are constantly punctuated and research that deals with gender issues with breadth, covering LGBTQIA+ guidelines or people who do not identify in gender some are almost nil, which makes us reflect on how much we still need to research on the subject.

Keywords: School; Gender; Physical education; LGBTQIA+; Girls.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 Gênero	10
2.2 Papel Social Da Escola	12
2.2.1. Como O Gênero É Tratado Nas Aulas De Educação Física ..	14
3. METODOLOGIA	18
4.PRÉ – ANÁLISE DO MATERIAL	19
4.1 . Exploração e Análise do Material	28
5. CONCLUSÃO.....	29
6. REFERÊNCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

A partir da minha própria realidade, primeiro de ter tido experiências traumáticas nas aulas de educação física do ensino básico, onde me sentia envergonhada por ter que fazer a prática com outras pessoas me olhando, sempre tinha dificuldade em escolher a roupa dita adequada para a aula e a sensação que eu tinha era de desconforto ao sair de casa até chegar na quadra, muitas vezes levava a roupa para trocar quando chegasse. Sem falar nas práticas, onde o professor sempre nos direcionava ao vôlei. Por muitas vezes faltei às aulas de educação física ou simplesmente me sentei na arquibancada por esse desconforto. Durante o processo de graduação em licenciatura em educação física, tive a oportunidade de ter pesquisado a memória das aulas de estudantes ainda do ensino regular e me chamou a atenção de como as minhas memórias eram semelhantes à delas mesmo tendo vivenciado essas experiências em tempos diferentes. Chegando a alguns questionamentos: o quanto já produzimos conhecimento em torno das questões de gênero? Ainda é necessário estudar gênero nas aulas de educação física escolar?

Essa pesquisa busca identificar o que os autores clássicos apontam sobre gênero, qual a função da escola e da educação física, quais às questões de gênero atravessam o ambiente escolar nas aulas de educação física e se trata de um levantamento da produção de conhecimento já realizada em torno das questões de gênero e a educação física escolar, buscando justificar a necessidade de ainda se produzir mais sobre o tema.

Tendo em vista que nos últimos anos as questões de gênero estão tomando grandes proporções e se ampliando de forma que gênero não se trata apenas de meninos e meninas ou homens e mulheres e sim da identidade que a pessoa tem ou se sente confortável em tê-la, ou de não ter nenhuma definida. São questões que precisam ser cada vez mais aprofundada já que o espaço escolar individualiza e segrega desde os primórdios até os dias atuais fazendo com que várias meninas

que engravidam ainda em idade escolar e não tem renda familiar suficiente para garantir a permanência na escola escolham evadir, assim como várias outras abandonam as aulas de educação física, assim como os (as) que se sentem isolados por sua identificação de gênero e pelos diversos motivos citados acima deixem de participar das atividades, além da evasão escolar, essas são memórias que irão acompanhá-las (los) durante suas vidas adultas como diz Louro (1997, p. 127), é “pensar a educação de homens e mulheres, meninos e meninas para muito além dos limites que a temos pensado”. Entendendo que nessa frase se trata da educação de todos.

Segundo Ames e Ames (1989) apud Marante e Ferraz (2006): O professor demonstra seus interesses e objetivos por vários aspectos em sua prática, como por exemplo: pela maneira que organiza as atividades e agrupa as crianças, pelos critérios e avaliação que aplica, pelas características que ele valoriza nas crianças, pela forma que propõe as tarefas e pelo modo que desempenha a sua autoridade (p. 206).

Em seu estudo Altmann (2002), traz como relações que as meninas para jogarem com os meninos devem jogar muito bem, ou ainda, os meninos que jogam com as meninas são aqueles que não jogam bem ou são escolhidos por último, e certas vezes nem são selecionados. Da mesma forma como os LGBTQIA+.

Levantar esse tema nos faz refletir, olhar para dentro das salas de aula das universidades, avaliar quais os profissionais e educadores que estamos formando. Sem dúvidas o processo de formação acadêmica e as estruturas da educação física no Brasil interferem nesse processo e nos traz a esperança dessa pesquisa poder contribuir no intuito de nossos próximos educadores não serem os que direcionam o vôlei para as meninas e o futebol para os meninos, para que eles sejam educadores que incentivem as meninas a estarem confortáveis com as roupas que usam, e que tragam o entendimento de respeito e igualdade para as quadras.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Gênero

Não é fácil a definição de gênero. Não é algo que encontramos no dicionário, pois se trata de um contexto social. Numa perspectiva pós estruturalista dos estudos culturais, Guacira Lopes Louro (1997) dá ao termo um significado para além do “falar da mulher”, conceitua baseada nas relações sociais de poder, comportamentais e colocando em questionamentos os discursos que tratam gênero a partir de definições biológicas ou ditas “naturais”. No mesmo sentido Pierre Bourdieu (2012), coloca que as justificativas naturais entre as diferenças biológicas entre homens e mulheres, são sobrepondo o homem a mulher ou o masculino ao feminino de forma que as condições e manifestações sociais dão lugar ao biológico. Donna Haraway (2004, p. 211),

Joan Scott (1995) levanta a questão da construção das masculinidades e como a época em que nos encontramos influencia, reafirmando assim que o significado de gênero perpassa pela ideologia criada socialmente e que essa modifica de sociedade para sociedade, de tempos em tempos.

Um exemplo disso é como a sociedade francesa do século XVIII, tinha sua figura de masculinidade o homem que usava pó de arroz, batom e meia calça e que difere da figura dita masculina da atualidade. E que essa pode ser entendida como: “[...] uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 259). Robert Connell (1995) diz que:

Os rapazes são pressionados a [...] se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e,

finalmente, dos empregadores. A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos (p. 190).

De forma que evidencia os vários lados da discussão de gênero. Simone de Beauvoir (2000, p. 62) “[...] ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Assim como torna-se homem, pois se trata de se submeter às condições sociais impostas ao longo da história, na construção e manutenção de uma sociedade machista e patriarcal. A mulher de submeter aos poucos espaços ou espaços de inferioridade em relação ao homem, e o homem de se colocar como o dominante, o protetor e provedor do lar.

Sendo essas termologias construídas socialmente, há quem não se identifique com elas, não se reconheça em nenhuma dessas que carregam consigo papéis sociais previamente determinados.

Por uma outra perspectiva temos o conceito de performance de Judith Butler (2003), que fala que não nos tornamos nem homens nem mulheres, muito menos nascemos, fala da construção diária, do jeito de andar, vestir, de falarmos, fala da construção dos nossos corpos referenciando a uma forma já colocada do que é gênero.

Isso vem a ser o que ela chama de performance e constrói a ilusão de uma tal substância feminina ou masculina. Ter a consciência dessa ilusão é fundamental para a desconstrução de essencialismos biológicos ou culturais, que limitam a compreensão e a ação no enfrentamento ao heterossexismo, à misoginia e à homofobia na sociedade, mas principalmente na escola. “[...] tornar-se sujeito de uma cultura envolve um complexo de forças e de processos de aprendizagem que hoje deriva de uma infinidade de instituições e ‘lugares pedagógicos’ para além da família, da igreja e da escola, e engloba uma ampla e variada gama de processos educativos” (MEYER, 2009, p. 222).

Judith Butler também só viés de que a questão de gênero é construída socialmente diz:

Em que medida é a “identidade” um ideal normativo, ao invés de um a característica descritiva da experiência? E como as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade? Em outras palavras, a “coerência” e a “continuidade” da “pessoa” não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas. (Butler, 2003, p.38).

Na atualidade as questões de gênero têm estado cada vez mais presentes no ambiente escolar de diversas formas e jeitos, por tanto se faz necessário o entendimento sobre o tema por parte dos educadores que lidam diariamente com essa construção também em sala de aula.

2.2 Papel Social Da Escola

Sendo a escola um dos primeiros ou até mesmo o primeiro contato com o ambiente em coletividade na sociedade, é lá também o primeiro contato da criança com as opressões, preconceitos, pela luta também coletiva, e as vivências que vão permanecer na sua memória pela sua vida. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 1997, p. 57).

Em 2004, um estudo da UNESCO apontava para um alto índice de imagens homofóbicas e de intolerância quanto à homossexualidade entre estudantes e professores. A discriminação contra homossexuais – diferentemente de outras formas, como aquelas relacionadas a racismo e a sexismo misógino – não é somente mais abertamente assumida, mas também valorizada, entre jovens alunos (Castro, 2004). No estudo citado, 25% dos alunos entrevistados afirmaram que não gostariam de ter colegas homossexuais. O percentual fica maior ainda quando se trata apenas dos meninos. Esses dados não se restringem aos muros da escola, eles são o reflexo da sociedade. Segundo a Agência Brasil de pesquisa (2022) em 2021, houve no Brasil, pelo menos 316 mortes violentas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e pessoas intersexo (LGBTIA+). Esse número representa um aumento de 33,3% em relação ao ano anterior, quando foram 237

mortes. Os dados constam do Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTIA+ no Brasil.

Assim como o ambiente escolar para as mulheres era/é o reflexo do que era/é a sociedade. Um ambiente excludente e segregador. A escola de meados do século XX tinha um cenário separatista. O professor do sexo masculino não ensinava educação física para meninas, apenas professoras mulheres, por exemplo. A escola estava, assim como na atualidade a serviço de uma manutenção de sociedade como explica o trecho a seguir:

De maneira geral, as meninas e os meninos “escolarizados” receberam educação diferenciada, consequência dos diferentes papéis que eram requisitados para os mesmos, ou seja, para as meninas serem boas esposas e mães, e para os meninos bastava serem bons trabalhadores para sustentar a casa. (COSTA;SILVA, 2002, p.45).

O primeiro ambiente em coletividade, aquele onde gravamos muitas de nossas memórias, deve ser o primeiro lugar a se combater esses dados. Dagmar Meyer (2012) argumenta que há necessidade de colocarmos em questão as relações sociais diversas intra e extramuros que constituem a vida escolar, assim atingindo e conformando os corpos-sujeitos escolares.

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados — portanto, não são concebidos — do mesmo modo por todas as pessoas. (LOURO, 1997, p. 59).

A escola pode ser um ambiente privilegiado para as discussões de gênero, raça, e quais quer que seja o tipo de preconceito em torno desses temas, pois é um ambiente de formação de opinião. Diante das questões apresentadas é desafio da escola criar um ambiente de diálogo, de convivência em harmonia, mesmo tendo opiniões e sujeitos diversos, garantindo o direito à educação, sendo de consciência

a prática da escola ser um ambiente público e democrático, reconhecendo e aceitando as diferenças que são tantas, mas buscando a igualdade de acesso.

2.2.1. Como O Gênero É Tratado Nas Aulas De Educação Física

Gênero é uma categoria analítica criada para explicar como se articulam as relações entre homens e mulheres (meninos e meninas) e como essas relações são efeitos de estratégias educativas. É nesse sentido e, sob essa perspectiva conceitual, que faz sentido compreender os sujeitos (as crianças) e as práticas educativas produzidas e inscritas no interior de redes de poder (FOUCAULT, 1988). É considerado uma categoria conceitual que traz à tona a compreensão de que ninguém nasce mulher/homem, menino/menina, e que essas condições são produzidas pela história e pela cultura, não são fundadas apenas na ordem da natureza (corporal), são da ordem do vir-a-ser e do fazer, da produção. É “a civilização como um todo que produz” a posição de gênero (BEAUVOIR, 1988, p. 301). (SCHWENGBER, 2009).

Existe uma dificuldade histórica na prática incomum das aulas de educação física para meninos, meninas e aqueles (as) que não se identificam como tal, devido suas diferenças físicas (biológicas), sociais, comportamentais e culturais dos gêneros. Esse resultado se dá pela cultura social que se é transpassada de pais para filhos, através da educação que lhes é dada pelos e para esses. Dessa forma se é dividida as atividades físicas femininas guiadas pelos sentimentos e em função da maternidade, atitudes gentis, atividades domésticas, assim como cuidar de relacionamentos amorosos. Por sua vez, as atividades masculinas devem ser em torno de sua coragem e virilidade. Esses comportamentos vêm se modificando, devido aos espaços e independência feminina conquistadas ao longo do tempo e que ainda está em progresso.

É perceptível que meninas participam menos do que os meninos das aulas de educação física. O que nos faz buscar entender os motivos, e concordando com Epstein (1988), Winterstein (1992) e Treasure (2001), que deixam claro que o ambiente deve servir para que todos, de forma igual, possam aprender, praticar e

vivenciar atividades que permitam o sucesso, assim como participar de experiências não traumáticas, levando assim para a vida futura as práticas do movimento como lembranças saudáveis e divertidas que estimulam uma vida adulta ativa.

Uma pesquisa realizada pelo professor Francisco de Assis Furtado de Oliveira, em turmas de 2º e 3º série de uma escola municipal em SP, no ano de 2011, demonstra que apenas 10,3% das meninas, o que corresponde a quatro alunas de 39, responderam que não gostam de educação física (EF). Um número intrigante, já que essas são turmas onde o professor relata que as meninas em geral não participam das aulas, preferem conversar entre si ou fazer qualquer outra coisa que não seja as práticas promovidas em aula. Na questão seguinte, a referência foi feita a qual atividade as meninas gostavam de fazer em casa. Dezenove, das trinta e nove meninas (48,7%) responderam olhar televisão ou utilizar o computador, mas o interessante é que dezesseis alunas (41%) relataram praticar algumas atividades como brincar, pular corda, jogar basquete, vôlei ou futebol (41%).

As alunas entrevistadas alegam que por muitas vezes deixam de participar das aulas pelo uso de roupa inadequada. Esse ponto é bem interessante e amplo, pois nos faz refletir para além da questão de gênero, também a questão de classe. As roupas consideradas adequadas para a educação física muitas vezes são consideradas uma forma de exposição do corpo feminino, historicamente sexualizado, além de que muitas escolas proíbem os alunos participarem das aulas com outro tipo de roupa sem levar em consideração a condição do aluno de estar vestido “adequadamente”, sendo eles de classes populares. Se faz necessário avaliar as condições sociais e também climáticas que muitas vezes impede o uso constante da vestimenta destinada a prática e dessa forma facilitar o acesso às aulas de EF, pois é mais interessante participar ativamente da aula, mesmo que com algumas limitações a ficar só olhando os colegas.

Em seu estudo Altmann (2002), traz como relações que as meninas para jogarem com os meninos devem jogar muito bem, ou ainda, os meninos que jogam com as meninas são aqueles que não jogam bem ou são escolhidos por último, e certas vezes nem são selecionados. Paradigmas a serem desconstruídos, pois

fazem parte dos traumas que formam adultos frustrados e desmotivados a praticar atividades físicas no sentido geral, além de contribuir com a ideia de que os meninos devem ser melhores do que as meninas e o menos habilidoso se equipara a uma menina, ideia que nos afasta dentro e fora da quadra, nos afasta enquanto seres sociais.

Simões (2003) diz que, “na educação física, até o final da década de 70 e início da década de 80, alguns estudos sugeriram a separação dos sexos, como também a distribuição desses em função dos esportes e das brincadeiras.” (SIMÕES, 2006, p. 8). O que para o esporte performance faz sentido, já que se trata de pura competição, então se faz necessária a divisão das categorias, mas nas aulas de educação física precisamos formar crianças que respeitam as diferenças e também avancem nos seus grupos sociais e vivência em sociedade. Na tentativa de interferir nesta realidade os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs 1998), de Educação Física diante das questões de gêneros, cita de fundamental importância as aulas mistas favorecendo assim meninos e meninas a serem respeitosos e tolerantes, evitando desta maneira a estereotipia. (CRUZ e PALMEIRA, 2009: 117). Como dizem as confederações do PCN (1998), devemos administrar aulas mistas para que se evite a construção e/ou a reprodução estereotipada dos sexos, mas de uma forma que não seja cobrado resultados diferentes de meninas e meninos. (CRUZ e PALMEIRA, 2009: 117).

Assim como as meninas, a comunidade LGBTQIA+ se encontra nessa segregação de gênero principalmente nas aulas de educação física. São vários os trabalhos e pesquisas que apontam o quanto educadores e educadoras invisibilizam as diferenças sexuais e de gênero na escola (CASTRO, 2004).

"Quando eu voltei pra escola, a secretária - ela sabia que eu era travesti – ela disse que pra eu poder estudar eu tinha que cortar o cabelo. Eu cortei o cabelo. Eu tive que amarrar os seios com atadura pra que meus colegas não soubessem que eu tinha seios. E só podia usar calça larga, para não aparentar o quadril. Eu vou ser sincera (...) eu aceitei as regras." (Entrevista com jovem travesti. Projeto Diversidade Sexual na Escola: UFRJ, 2007-2008).

Sendo a disciplina de educação física a que trabalha o corpo, seus movimentos e suas diversidades, pode ser o ambiente mais traumático, mas também pode ser o ambiente de transformação dessa realidade excludente e gerar memórias saudáveis para essas crianças e adolescentes. Sendo a educação o meio transformador da sociedade, é na escola que precisamos iniciar esse debate

Fonseca e Brito (2022) apontam perspectivas de transformações inclusivas na educação física escolar, que contém a construção coletiva, a transformação epistemológica do campo, a reconstrução de práticas pedagógicas, construção de espaços democráticos, e ações acolhedoras e diversificadas para um outro entendimento dos diferentes modos de ser e estar. Esta forma de repensar a educação física viabiliza e potencializa o debate sobre a participação de LGBTQIA+ nas práticas corporais dentro e fora da escola, e a educação física é disciplina fundamental nesse recorte.

3. METODOLOGIA

O presente estudo, tem o intuito de fazer um levantamento sobre a produção de conhecimento em torno de gênero nas aulas de educação física escolar, análise que enaltece questões como: o que ainda pode ser necessário pesquisar em torno das questões de gênero nas aulas de educação física escolar?

Definimos que a partir de um estudo bibliográfico poderíamos explorar o que vem sendo pesquisado e produzido sobre o tema, desta forma determinou-se o período desses estudos (2020 a 2023). Sistematizando então as publicações encontradas no sistema da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação.

Desta forma, se trata de uma pesquisa científica, definida por Bastos e Keller (1995, p. 53): “A pesquisa científica é uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo”, de caráter bibliográfico que permite explorar os conteúdos já produzidos em relação ao tema. Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Esta pesquisa bibliográfica é de natureza qualitativa, já que se trata de analisar a perspectiva do que vem sendo pesquisado em torno do tema gênero nas aulas de educação física escolar. Por tanto sendo descritiva, já que uma das cinco características da pesquisa qualitativa para Bogdan e Benken (1994) diz que a

pesquisa qualitativa é descritiva. As palavras descritas registram o que se foi encontrado.

4. PRÉ- ANÁLISE DO MATERIAL

Os documentos em análise foram coletados na plataforma eletrônica do governo federal, no sistema da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação, em seus periódicos.

A pesquisa foi realizada a partir dos descritores “gênero AND educação física” e “ gênero AND educação física escolar”, dessa forma foram encontrados 1391 publicações na plataforma, então com o filtro para alcançarmos as publicações dos últimos 3 anos (2020 a 2023), foram encontrados 402 publicações, refinando ainda outras características, sendo elas: idioma (português) e excluindo as outras línguas e países nos restam 52 publicações na plataforma, sendo 17 destes de fato relacionados ao tema da pesquisa (gênero e educação física escolar).

Após os procedimentos descritos, foi confeccionada a primeira tabela, contendo informações gerais (nome dos autores, ano, palavras chaves e revistas em que foram publicados) e o texto de pré-análise de cada artigo, como consta abaixo.

DADOS DA PESQUISA

TABELA I – PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS A PARTIR DOS DESCRITORES: “GÊNERO AND EDUCAÇÃO FÍSICA” E “GÊNERO AND EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR” ASSOCIADOS AOS DEVIDOS FILTROS DE INCLUSÃO: (A) POSSUIR AMBOS DOS DESCRITORES NO TÍTULO, RESUMO OU ASSUNTO DA PUBLICAÇÃO; (B) ESTAR ESCRITO NA LÍNGUA PORTUGUESA.		
	TÍTULO/ AUTOR (ES) / ANO/ PERIÓDICO	RESUMO
01	<u>PEDAGOGIA CRÍTICA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO EM TORNO A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO E A EMANCIPAÇÃO DAS MENINAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA.</u> Nuria Sánchez Hernández; Susanna	O estudo trata das possibilidades da pedagogia crítica como uma ferramenta para aumentar a conscientização dos estudantes de Educação Física sobre as desigualdades de gênero são postas na mesa. A inovação educacional consistiu em oito sessões de futebol por meio de aprendizado cooperativo e pretextos críticos voltados à reflexão. A pesquisa leva um olhar etnográfico. Os resultados mostraram mudanças muito significativas nas meninas

	Soler Prat; Daniel Martos García Movimento (Porto Alegre, Brazil), 2020, Vol.26, p. e26035.	em aspectos atitudinais e relacionais. Passaram do conformismo inicial para explicitar suas queixas e tomar as rédeas dos grupos cooperativos. Isso nos dá esperança para o potencial emancipador da proposta.
02	<u>AS NARRATIVAS E GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: SCOPING REVIEW DA LITERATURA CIENTÍFICA BRASILEIRA NAS CIÊNCIAS DA SAÚDE.</u> Moraes, Bruna Caroline Soares Lopes; Dias, Juliana Rocha Adelino; Oliveira, Rogério Cruz De. Educação Em Revista, 2023, Vol.39	Este estudo tem como objetivo compreender quais as narrativas de gênero presentes na produção científica brasileira nas ciências da saúde no que diz respeito à Educação Física escolar. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa. A metodologia utilizada foi a scoping review, e foram incluídos nesta pesquisa artigos científicos encontrados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Chegou-se a 16 artigos, os quais consistiram na amostra deste estudo e foram lidos na íntegra. Como resultado, pode-se afirmar que: as publicações envolvem instituições públicas em sua maioria e a maior parte delas aconteceu na década de 2010; o Ensino Fundamental foi o nível educacional mais presente e os (as) estudantes tiveram participação importante nessas pesquisas; os trabalhos se mostraram, majoritariamente, qualitativos, sendo a observação e o questionário os instrumentos de coleta mais utilizados. Em relação ao conceito de gênero, a análise evidenciou que todos os trabalhos que tratavam dessas relações entendem gênero como uma construção social e histórica. Nesse sentido, pode-se concluir que a produção científica brasileira no campo das Ciências da Saúde que se debruçou sobre as relações de gênero na Educação Física escolar esteve delineada pela busca de melhor compreensão de um cenário excludente, sexista, que estimula de maneiras diferentes as vivências corporais de meninos e meninas e que reproduz estereótipos relacionados às feminilidades e masculinidades e, assim, ao longo da história, colocou as meninas num plano inferior e desigual na educação básica.
03	<u>RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR.</u> Zavatto Junior, Pedro; Vasconcelos, Valéria. Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, 2022, Vol.6 (2), p.102-114	A problemática que envolve as relações assimétricas de gênero na sociedade ainda persiste nos dias atuais e está presente também na escola. Com essa preocupação, a pesquisa de onde emergiu o presente artigo teve como objetivo compreender como acontecem as relações de gênero no ambiente escolar, manifestadas nas aulas de Educação Física, a partir do olhar de duas turmas do 6º e 7º anos, em uma escola particular do interior paulista. O estudo foi quali-quantitativo, com dados coletados por meio de questionários e rodas de conversa. Os resultados mostraram que os/as participantes têm consciência quanto à desigualdade de gênero, revelando que o que acontece no espaço escolar é reflexo do que se vive na sociedade. Posicionamentos favoráveis a mitigar tal desigualdade foram fortemente manifestados. Ademais, a dialogicidade proposta pela Educação Popular foi apontada como um meio de denúncias e anúncios para a construção de uma educação como prática da liberdade.
04	<u>QUESTÕES DE GÊNERO EM MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: TENSIONAMENTOS E REFLEXÕES NA PERSPECTIVA INCLUSIVA.</u> Fonseca, Michele Pereira de Souza da; Cardozo, Luiza Fagundes; Oliveira, Victor Barreto Gonçalves de Revista Educação e Emancipação, 2023, p.414-439	O conceito de inclusão em educação de caráter amplo, processual, infindável, dinâmico e dialético, considera todas as diferenças humanas, valoriza as singularidades e abrange o olhar para todas as pessoas. A materialização dos conflitos e tensionamentos envolvendo as questões de gênero no ambiente escolar, se apresentam na dialeticidade inclusão/exclusão e se manifestam nas aulas de Educação Física. O presente estudo tem como objetivo discutir e problematizar os processos de inclusão/exclusão envolvendo questões específicas de gênero, que emergiram em situações nas aulas de Educação Física escolar, retratando distintas realidades e experiências. O artigo se respalda metodologicamente na pesquisa-ação como uma forma de pesquisa participativa e se apresenta de natureza qualitativa. A pesquisa foi realizada em duas escolas, os instrumentos utilizados para a coleta

		de dados foram observação e diário de campo, cujo foco da análise foi direcionado para o Ensino Fundamental I. As situações analisadas e discutidas, evidenciaram a presença das questões de gênero de forma latente nas aulas de Educação Física, ao mesmo passo que sinalizam a urgência em problematizar e colocar em pauta tais questões na escola. Destacamos a potencialidade da coeducação, na qual meninas e meninos aprendem juntos, não apenas compartilhando o mesmo ambiente, mas através de trocas de experiências significativas potencializadas pelas diferenças. Sendo assim, propondo uma ação democrática que contribua para a formação cidadã, se torna fundamental ter um olhar atento e acolhedor que reconheça, respeite e valorize todas/os as/os estudantes na luta por uma educação gratuita, autônoma, de qualidade, crítica e participativa.
05	<p><u>PARTICIPAÇÃO DE TRANSEXUAIS NAS PRÁTICAS CORPORAIS.</u></p> <p>Daniel Teixeira Maldonado; Ana Lara Marcelo Costa. Revista de educação popular, 2023, Vol.22 (1), p.171-195</p>	<p>O estudo teve por objetivo analisar as publicações realizadas sobre a participação de transexuais nas práticas corporais, na perspectiva de produzir problematizações que possam potencializar esse debate nas aulas de Educação Física Escolar. Trata-se de pesquisa qualitativa, de interpretação de documentos em ambiente virtual online. Foram analisadas todas as reportagens publicadas no Blog Dibradoras, jornal El País Brasil, revista Carta Capital e Portal Geledés a respeito da temática em discussão. O material empírico foi submetido à análise temática. Os resultados evidenciaram os seguintes temas: pioneirismo transexual no mundo esportivo, dificuldade de aceitação e preconceito em times e federações esportivas, debates científicos e morais e a segregação esportiva. Em via das conclusões apresentadas, é visível que esses meios de comunicação, ainda que em baixa quantidade de material, buscam promover a inclusão e a aceitação dos atletas transgêneros nas práticas corporais.</p>
06	<p><u>CRENÇAS DE PROFESSORES SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES.</u></p> <p>Amanda Lays Monteiro Inácio; Boruchovitch, Evely; Bzuneck, José Aloyseo. Psico usf, 2022, Vol.27 (4), p.33</p>	<p>O texto teve como objetivo investigar as crenças de professores acerca da violência sexual contra crianças e adolescentes. Uma amostra de 164 professores de ensino fundamental e médio, de escolas públicas e privadas, respondeu a um questionário sociodemográfico e a Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS). Análises descritivas, de frequência, testes U de Mann-Whitney e teste de Kruskal-Wallis foram realizados. O escore médio da ECAS, nessa amostra, foi de 25,74 (DP = 6,83), indicando uma tendência à discordância e neutralidade à tolerância/legitimação. Ao se comparar grupos, as variáveis gênero, faixa etária e presença de filhos mostraram ter influência sob as crenças. A experiência com casos de suspeita, participação em cursos ou palestras e conhecimento do Estatuto da Criança e do Adolescente não apresentaram diferenças estatisticamente significativas em relação às crenças. Tais resultados foram discutidos a partir de considerações sobre gênero, sexualidade, capacitação profissional e características de crenças. É necessário investimento em estratégias de formação continuada, sendo que devem ser sensíveis às características dos participantes e às suas crenças.</p>
07	<p><u>CORPO E GÊNERO NAS PRÁTICAS INCLUSIVAS DE GINÁSTICA PARA TODOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.</u></p> <p>Silva Oliveira, Dayane da; Oliveira, Leonardo Mercês de; Cardoso, Taynara Reges; Iwamoto, Thiago Camargo. Educación Física y Ciencia, 2021, Vol.23 (2), p.180-180</p>	<p>Com o objetivo de refletir e analisar as práticas de inclusão que permeiam a Ginástica para Todos (GPT) na Educação Física Escolar, atentando-se às relações sociais de corpo e gênero. A constituição da inclusão ao longo do processo histórico, desvela uma cultura de exclusão/segregação com estereótipos e rotulações que se expressam nos corpos e nas questões de gênero, e traduzem uma representatividade mascarada por desigualdades sociais e culturais. Por suas características constitutivas, a GPT pode elucidar sujeitos que lutam, resistem e se colocam frente aos estereótipos e às desigualdades de corpos e gênero, criando oportunidades para</p>

		<p>interação, sociabilidade e inclusão. A GPT possibilita experiências com maior liberdade de movimento, de composição e inclusão das diferenças. Por fim, a GPT se apresenta como uma excelente alternativa para a abordagem de incluir os corpos e gêneros na Educação Física Escolar.</p>
08	<p><u>CONDIÇÃO JUVENIL, DESIGUALDADES DE GÊNERO E PROCESSOS DE EXCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.</u></p> <p>Silva, Tarcísio Augusto Alves da Civitas (Porto Alegre, Brazil), 2021, Vol.21 (2), p.344-354.</p>	<p>O texto apresenta os resultados de um estudo que revela as memórias de estudantes nas aulas de Educação Física escolar. Para isso, procuramos discutir como a condição juvenil das estudantes do ensino médio e as desigualdades de gênero afetam e conduzem meninas a um processo de exclusão nessas aulas. A investigação foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas com sessenta estudantes do 3.º ano do ensino médio, em seis escolas públicas e seis escolas privadas de Pernambuco. O estudo revela que as experiências das estudantes estão marcadas por um processo de desigualdade de gênero que encontra amparo na ausência da intervenção do(a) professor(a).</p>
09	<p><u>INFLUÊNCIA DO GÊNERO, NÍVEL EDUCACIONAL E PRÁTICA DESPORTIVA DOS PAIS NOS HÁBITOS ESPORTIVOS DAS CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR.</u></p> <p>Mateo-Orcajada, Adrián; Vaquero-Cristóbal, Raquel; Abenza-Cano, Lucía; Martínez-Castro, Sonia María; Gallardo-Guerrero, Ana María; Leiva-Arcas, Alejandro; Sánchez-Pato, Antonio Movimento (Porto Alegre, Brazil), 2021, Vol.27, p. e27057</p>	<p>A importância dos pais na atividade física dos seus filhos durante a adolescência foi previamente afirmada, mas poucos estudos determinaram quais são as variáveis mais determinantes. O objetivo do presente estudo foi analisar a influência dos estereótipos de gênero, o nível educacional e o nível de prática desportiva dos pais sobre a prática desportiva dos seus filhos. A amostra foi composta por 965 adolescentes e 1599 pais da Região de Múrcia. Os resultados mostraram diferenças na prática desportiva dos adolescentes ao considerar o nível educacional das mães, a atividade física realizada pelos pais para os homens, a frequência da prática das mães para as mulheres e os estereótipos de gênero das mães. Como conclusões, é de notar que os estereótipos de gênero e o nível de educação dos pais influenciaram a prática do desporto pelos adolescentes.</p>
10	<p><u>DESEMPENHO DE HABILIDADES TÉCNICAS ENTRE ESTUDANTES ADOLESCENTES DE DIFERENTES SEXOS NO FUTSAL.</u></p> <p>Brasil, Frederico Deponti; Piecha, Laryssa Freitas; Tadielo, Milena Tolfo; Chaves, Pedro Mendes; Franken, Marcos. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, 2021, Vol.13 (54), p.402</p>	<p>O desempenho de fundamentos técnicos e o tempo de prática dos alunos do futsal podem interferir no nível de aprendizado entre os sexos de adolescentes no ensino fundamental. O objetivo foi comparar o desempenho de fundamentos técnicos e o tempo de prática entre os sexos de adolescentes no futsal. 22 adolescentes (11 meninos e 11 meninas) da faixa etária de 12 a 15 anos, foram divididos em dois grupos do sexo feminino (G1) e do sexo masculino (G2). Os grupos foram avaliados pelo teste Skills. Foram obtidas a idade, massa corporal, estatura, condução de bola, domínio de bola, precisão do chute e precisão de passe. Comparações das variáveis, entre os grupos, foram realizadas com o Teste t de Student para amostras independentes (paramétricos) e com o Teste de U de Mann-Whitney (não-paramétricos) e o nível de significância adotado foi de 5%. Foram identificadas diferenças significativas entre os grupos G1 e G2 apenas na condução (G1=21,0 [+ or -] 4,6 s; G2=15,6 [+ or -] 3,4 s, p<0,05) e no passe com o pé esquerdo (G1=6,2 [+ or -] 4,7 acertos; G2=10,2 [+ or -] 4,2 acertos, p<0,05). Foram encontrados valores similares entre os grupos na idade, massa corporal, estatura, tempo de prática, domínio 1,95m, domínio 3,05m, chute e passe com o pé direito (p>0,05). Portanto, o desempenho é maior em adolescentes do sexo masculino apenas nas variáveis de velocidade da condução de bola e na precisão do passe com o pé esquerdo quando comparadas as do sexo feminino no ensino fundamental.</p>

11	<p><u>O FEMINISMO NÃO É ENTREGUE DE BANDEJA: SABERES E PRÁTICAS DE UM COLETIVO FEMINISTA ESTUDANTIL.</u></p> <p>de Castro, Vanessa Soares; Roso, Adriane; dos Santos Gonçalves, Camila. Estudos feministas, 2021, Vol.29 (2), p.1-17</p>	<p>O artigo, discute os saberes e práticas produzidos por um Coletivo feminista de estudantes de Ensino Médio de uma instituição de educação localizada no sul do Brasil. A partir da Teoria das Representações Sociais e dos Estudos Feministas e de Gênero, buscamos entender como o Coletivo se vincula aos conceitos feministas e os coloca em uso ao perseguir seus objetivos. Foi realizada uma pesquisa participante, acompanhando o Coletivo por meio da construção de um diário de campo, de um encontro de sistematização de experiências e de análise documental. Ao analisar o material produzido, organizamos três principais campos culturais: sororidade, corpos e sexualidades, e 'ser'mulher/'ser'feminista. Concluímos que as jovens buscam visibilizar e modificar as relações sociais em seu meio, elaborando saberes feministas particulares, marcados pela busca ativa e pelo conflito.</p>
12	<p><u>A TRANSGENERIDADE INFANTIL SOB A ÓTICA DE PROFESSORES DE ENSINO FUNDAMENTAL.</u></p> <p>Francisca Vilena da Silva; Renata Dantas Jales; Ivoneide Lucena Pereira; Rodrigues de Almeida, Luana; Jordana de Almeida Nogueira; Aparecida de Almeida, Sandra. Revista latino-americana de enfermagem, 2021, Vol.29</p>	<p>O texto se propõe a analisar as concepções de professores sobre a transgeneridade na infância e identificar as possibilidades e os limites de trabalho com essas crianças no contexto escolar. Método: pesquisa qualitativa, realizada com 23 professores de duas escolas municipais de ensino fundamental. Para produção do material empírico, empregaram-se entrevistas semiestruturadas. Como recurso analítico recorreu-se à técnica de análise de conteúdo, modalidade temática. Resultados: no conjunto do material empírico, emergiram seis categorias temáticas: Transgeneridade na infância existe; A construção de identidade e papéis de gênero na infância; A vivência de crianças trans no contexto escolar; Crianças trans: como lidar?; Discutir as diferenças em sala de aula: é o caminho?; Dilemas da interação escola e família. Constatou-se que a dicotomia de gênero é reforçada na sala de aula, ocasionando tensões e divisões estereotipadas para os papéis masculino e feminino. Diversas formas de violência vêm sendo reproduzidas por colegas e professores, que por falta de conhecimento ou despreparo reforçam concepções e atitudes que levam à manutenção da exclusão.</p>
13	<p><u>VIDAS QUE SE CRUZAM NA PEDAGOGIA DO INSULTO: UMA ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS ESCOLARES DE PESSOAS LGBTQIA.</u></p> <p>De Oliveira Júnior, Isaías Batista; Ferreira, Diego Raone. Eccos (São Paulo, Brazil), 2021 (57), p.1-18</p>	<p>A pedagogia do insulto atinge inúmeros estudantes LGBTQIA - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgeneros, Queer, Questionadores, Intersexos, Indecisos, Assexuados e Aliados, e representa estratégias que (re)produzem preconceitos, discriminações, violências e retirada de direitos elementares. Nesse sentido, questionamo-nos: de que maneira ela se manifesta nas vivências escolares, em desatendimento ao que a sociedade convencionou como norma? A fim de responder ao problema proposto, temos como objetivo analisar os relatos das vivências escolares de 118 participantes que se reconhecem como pessoas LGBTQIA. Para tanto, recorremos a análise de conteúdo sob o viés das seguintes categorias: interditos da diversidade sexual; des/contextualizando a LGBTQIAfobia; re/des/construindo estereótipos de gênero, as quais discutimos com base nos Estudos Culturais, nos estudos de gênero e na ordem do discurso. Concluímos que os padrões normalizadores adotados pela escola excluem aqueles considerados diferentes, impactando diretamente na esfera dos sentimentos, da dignidade e do desempenho escolar.</p>
14	<p><u>NOTAS PARA PROBLEMATIZAR A ÉTICA DE SI NA EDUCAÇÃO DO CORPO: AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO TERRITÓRIO DE DISPUTAS DE GÊNERO.</u></p> <p>RODRÍGUEZ, Norma Beatriz; BUSTOS, Liliana. Educação &</p>	<p>O artigo trata da criação da escola moderna aos finais do século XIX trouxe consigo uma disciplina que se ocupou da educação dos corpos. Foi nesse momento constitutivo em que se delimitaram as práticas corporais para homens: exercícios militares, força, virilidade, posturas; ao mesmo tempo que, para a educação dos corpos das mulheres, se esperavam: perfeição da feminilidade, dança, ginástica rítmica. É da perpetuação desses estereótipos de comportamentos nas aulas de Educação Física como conteúdo escolar que deriva a</p>

	Formação (Fortaleza), 2020, p.3-16	hipótese desta pesquisa: as aulas de Educação Física influenciam e condicionam diretamente as práticas culturais em relação à expressão de gênero reduzindo a condição de sexo ao que está inscrito na biologia do corpo. Como marco teórico, recorreu-se aos aportes teóricos da Teoria Queere, por outro lado, analisaram-se as normativas vigentes para o Sistema Educativo Argentino tomando especialmente como referência a Lei de Educação Sexual Integral da Argentina. O trabalho de campo se realizou durante o ano de 2018 em duas escolas de nível primário de administração públicas situadas nas cidades de Alma fuerte e Rio Terceiro do estado de Córdoba, Argentina.
15	<u>PEDAGOGÍA CRÍTICA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO EM TORNO A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO E A EMANCIPAÇÃO DAS MENINAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA.</u> Nuria Sánchez Hernández; Susanna Soler Prat; Daniel Martos García. Movimento (Porto Alegre, Brazil), 2020, Vol.26, p.e26035	No estudo que apresentamos, as possibilidades da pedagogia crítica como uma ferramenta para aumentar a conscientização dos estudantes de Educação Física sobre as desigualdades de gênero são postas na mesa. A inovação educacional consistiu em oito sessões de futebol por meio de aprendizado cooperativo e pretextos críticos voltados à reflexão. A pesquisa leva um olhar etnográfico. Os resultados mostraram mudanças muito significativas nas meninas em aspectos atitudinais e relacionais. Passaram do conformismo inicial para explicitar suas queixas e tomar as rédeas dos grupos cooperativos. Isso nos dá esperança para o potencial emancipador da proposta.
16	<u>PARTICIPAÇÃO DE MENINAS NO FÚTBOL CALLEJERO: INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.</u> Maria Carolina Derencio Oliveira; Tiago Grifoni; Nathan Raphael Varotto Motricidades, 2020, Vol.4 (1), p.15-26	Este artigo expõe o percurso investigativo de uma unidade didática, embasada no Fútbol Callejero, aplicada em uma turma de 9º ano, cujo objetivo foi analisar, compreender e descrever a participação de meninas na prática do Fútbol Callejero durante aulas de Educação Física Escolar. O estudo foi conduzido com abordagem qualitativa descritiva, sendo observadas 6 aulas de Educação Física. Foram elaborados 6 diários de campo e a análise do conteúdo foi realizada via fenomenologia, na modalidade fenômeno situado. Três categorias emergiram: A) “Se ia ser melhor ficar olhando o jogo, prestando atenção em tudo, ou jogar”; B) “No outro jogo eu saí com a bola, agora começa você”; C) “Mas se eu pedir pra parar, tem que parar, entendeu?”. Os resultados apontaram que as meninas assumiram funções determinantes no desenvolvimento da prática do Fútbol Callejero, mostrando solidariedade e sororidade; todavia, ainda se observou algumas reduções na participação das meninas. Palavras-chave: Fútbol Callejero. Gênero. Educação Física Escolar.
17	<u>A HOMOFOBIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.</u> Sáenz-Macana, Angélica María; Devis-Devis, José Movimento (Porto Alegre, Brazil), 2020, Vol.26, p.e26072	Este trabalho visa analisar artigos empíricos sobre crenças, atitudes e comportamentos homofóbicos presentes na EF Escolar por meio de uma revisão sistemática. Além de vários aspectos bibliométricos de interesse, quatro grandes temas emergiram da análise: 1) heteronormatividade e heterossexualismo predominante; 2) existência de homopositividade; 3) homonegatividade atenuada; e 4) propostas de ação. Essas questões são discutidas em detalhes e conclui-se que, apesar das melhorias, a homofobia ainda é generalizada. Além disso, há a necessidade de investigar a homofobia com amostras variadas e uma diversidade de métodos porque ainda há muito a aprender, seja sobre variáveis ou em diferentes contextos pessoais, sociais e ambientais.

4.1 Exploração e Análise do Material

Inicialmente os resultados encontrados foram analisados a partir de seus títulos, restando apenas os que de fato estão relacionados à educação física escolar e

gênero. Não foi encontrado nenhum arquivo corrompido ou com algum erro no sistema da CAPES. Em seguida foram analisadas as palavras chaves que se remetiam a educação física e gênero e educação e gênero. Neste sentido, 35 publicações foram descartadas.

Dentre os achados, foi identificado a partir de seus títulos uma diversidade em temas, apesar de muitos se referirem ao gênero enquanto mulher, e apenas 4 das publicações serem sobre transexuais, homofobia e LGBTQIA+, sendo dois deles relacionados especificamente à educação física e os outros dois com a escola de modo geral.

Através dos resumos, foi aprofundada a análise, ficando perceptível os seguintes dados: 07 das publicações relatam a relação de gênero entre meninos e meninas, 10 delas se trata de pesquisa de campo, 05 tratam da questão de gênero com amplitude e trazem os temas LGBTQIA+, 02 Deles trata da questão de gênero a partir de uma perspectiva inclusiva, 01 delas abordam a questão da violência sexual.

Em relação às perspectivas da definição de gênero trazidas nas publicações encontradas, há uma sustentação do argumento de que gênero é uma questão social, que se adequa a seu tempo. É identificado também a constância em aparecimentos de autores, Judith Butler (2003) e Guacira Lopes Louro (1997), são repetidamente citadas.

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa se propôs a realizar um levantamento do que vem sendo pesquisado em relação a gênero e como esse tema sido abordado nas escolas e mais especificamente nas aulas de educação física, tendo em vista que o tema é

mutável e nos últimos anos, sua amplitude marca uma geração que discute gênero para além do “menino e menina” anteriormente estudados. Sendo, historicamente, as aulas de educação física espaços de grande separatismo de gêneros, se faz necessário a atualização contínua sobre o tema.

A partir do levantamento bibliográfico realizado, podemos notar que as pesquisas feitas nos últimos 3 anos na área que reúne educação física escolar e gênero são de diversos seguimentos, muitos relatam a segregação de gênero dentro das aulas de educação física, de como essa questão influencia a forma de como esportes são direcionados, da participação e frequência de meninas nas aulas, poucos destes tratam a questão de gênero com a amplitude que o momento pede, que é atingindo de forma ampla, além das meninas os LGBTQIA+.

Ainda se faz presente nos estudos questões que não foram solucionadas e devem continuar sendo pautadas, como a dos esportes continuarem sendo direcionados de acordo com o gênero, como se houvesse esportes de gêneros (esportes para meninos, esportes para meninas e ainda direcionar LGBTQIA+ independente de seu sexo biológico para os esportes ditos femininos). A participação de meninas nas aulas de educação física por motivos diversos, mas todos em torno do machismo e as características da sociedade que fazem com que corpos femininos sejam sexualizados desde muito novas, isso se somando a regras ainda utilizadas pelas escolas de vestimentas ditas adequadas para as práticas de educação física. E ainda sobre a participação dos LGBTQIA+ nas aulas, na prática de esportes e outras especificidades que o tema de gênero pode trazer. Realidade que ainda deve ser estudada em busca de suas significativas transformações para que o ambiente escolar seja inclusivo.

Pude perceber que são poucos os estudos em torno de pessoas LGBTQIA+ e das que não se reconhecem nos gêneros já impostos pela sociedade e sua construção histórica. Se trata de uma realidade vivenciada na atualidade, dentro do ambiente escolar com muita intensidade, sendo a escola o ambiente primário de convivência coletiva e suas diversidades, assim como os preconceitos que são reflexo da sociedade, deve ser nela construído o ambiente de empatia e reconhecimento das diversidades de forma positiva e natural. O que me faz chegar à conclusão de que é um eixo que deve ser mais explorado dentro do campo da educação física escolar.

Para a construção da emancipação das pessoas, de uma sociedade mais justa e igualitária, e extermínio da discriminação e qualquer tipo de preconceito, é necessário o conhecimento e atualização das pautas que perpetuam principalmente o ambiente escolar, sendo a escola ferramenta fundamental na transformação da sociedade, nossos educadores precisam estar preparados para formarem seres além de críticos, emancipados, empáticos e que respeitam a diversidade dentre eles. A educação física no lugar da disciplina que lida com a diversidade dos corpos deve ser mecanismo indispensável de produção de conhecimento para que o combate à exclusão seja cada vez mais eficaz.

6. REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, SIMONE. **O segundo sexo**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

BEHRING, Elaine Rossetti e BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: fundamentos e história**. 7. ed. SP: Cortez, 2010.

BORTOLINI, ALEXANDRE, **Diversidade sexual e de gênero na escola**. Rio de Janeiro: Revista Espaço Acadêmico, 2011.

BRASIL, FREDERICO; PIECHA, LARYSSA; TADIELO, MILENA. **Desempenho de habilidades técnicas entre estudantes adolescentes de diferentes sexos no futsal**. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, 2021, Vol.13 (54).

BUTLER, Judith. **Problema de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, VANESSA; ROSO, ADRIANE; GONÇALVES, CAMILA. **O feminismo não é entregue de bandeja: saberes e práticas de um coletivo feminista estudantil**. Estudos feministas, 2021, Vol.29.

FONSECA, MICHELE ; CARDOZO, LUIZA; OLIVEIRA, VICTOR . **Questões de gênero em movimento na educação física escolar: tensionamentos e reflexões na perspectiva inclusiva**. Revista Educação e Emancipação, 2023.

GARCÍA, DANIEL; PRAT , SUSANNA ; HERNÁNDEZ, NURIA. **PEDAGOGÍA CRÍTICA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO EM TORNO A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO E A EMANCIPAÇÃO DAS MENINAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA**. Porto Alegre: Movimento, 2020.

HERNÁNDEZ, NURIA; PRAT, SUSANNA; GARCÍA, DANIEL. **Pedagogía crítica para a conscientização em torno a discriminação de gênero e a emancipação das meninas em educação física**. Porto Alegre: Movimento, 2020, Vol.26.

INÁCIO, AMANDA; BORUCHOVITCH, EVELY; BZUNECK, JOSÉ ALOYSEO.
Crenças de professores sobre violência sexual contra crianças e adolescentes.
Psico usf, 2022, Vol.27 (4).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

LUDKE, Mengad. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MALDONADO, DANIEL; COSTA, ANA. **PARTICIPAÇÃO DE TRANSEXUAIS NAS PRÁTICAS CORPORAIS.** Revista de educação popular, 2023, Vol.22 (1).

MARÍA, ANGÉLICA; JOSÉ, DEVIS. **A homofobia em educação física na escola: uma revisão sistemática.** Porto Alegre: Movimento, 2020, Vol.26, p.e26072

MORAES, BRUNA ; DIAS, JULIANA; OLIVEIRA, ROGÉRIO **as narrativas de gênero na educação física escolar: scoping review da literatura científica brasileira nas ciências da saúde.** Educação em revista, 2023.

OLIVEIRA, DAYANE ; OLIVEIRA, LEONARDO; CARDOSO, TAYNARA ; IWAMOTO, THIAGO. **Corpo e gênero nas práticas inclusivas de ginástica para todos na educação física escolar.** Educación Física y Ciencia, 2021, Vol.23 (2).

OLIVEIRA, FRANCISCO **Meninas na Educação Física: porque elas não jogam?,** *EFDeportes.com, RevistaDigital.* Buenos Aires, Año 16, N° 160, Septiembre de 2011.
<http://www.efdeportes.com/>

OLIVEIRA JÚNIOR; FERREIRA, DIEGO. **Vidas que se cruzam na pedagogia do insulto: uma análise das vivências escolares de pessoas lgbtqia.** São Paulo: Eccos, 2021 (57).

OLIVEIRA, MARIA; GRIFONI, TIAGO; VAROTTO, NATHAN. **Participação de meninas no Futebol Callejero: intervenção na Educação Física Escolar.** Motricidades, 2020, Vol.4 (1).

ORCAJADA, ADRIÁN; CRISTÓBAL, RAQUEL; CASTRO, SONIA. **Influência do gênero, nível educacional e prática desportiva dos pais nos hábitos esportivos das crianças em idade escolar.** Porto Alegre: Movimento 2021, Vol.27.

RODRÍGUEZ, NORMA ; BUSTOS, LILIANA. **Notas para problematizar a ética de si na educação do corpo: as aulas de educação física como território de disputas de gênero.** Fortaleza: Educação & Formação, 2020.

SILVA, FRANCISCA; JALES, RENATA; PEREIRA IVONEIDE. **A transgeneridade infantil sob a ótica de professores de ensino fundamental.** Revista latino-americana de enfermagem, 2021, Vol.29.

SILVA, TARCÍSIO. **Condição juvenil, desigualdades de gênero e processos de exclusão nas aulas de educação física escolar = youth, gender inequalities and processes of exclusion in physical education school classes = condición juvenil, desigualdad de género y procesos exclusion en las clases de educación física en la escuela.** Porto Alegre: Civitas. 2021, Vol.21 (2).

SOUSA, ANGÉLICA SILVA; OLIVEIRA, GUILHERME SARAMAGO; ALVES, LAÍS HILÁRIO, **A Pesquisa Bibliográfica: Princípios E Fundamentos.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021.

ZAVATTO JUNIOR, PEDRO; VASCONCELOS, VALÉRIA. **Relações de gênero na educação física escolar: contribuições da educação popular.** São Paulo: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, 2022.